



FOTOS: Irina Morán – Revista Alfilo – Periodista Feminista. Militante de Ni Una Menos Córdoba y Mujeres por un parto Respetado

A INVENÇÃO DE NARRATIVAS COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA: UMA POÉTICA SOBRE O FEMININO

Ana Carolina Tavares Sousa¹
Marlen de Martino²

Resumo: O presente artigo compreende a descrição de uma ação pedagógica realizada na instituição Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Mascarenhas de Moraes, localizada no município de Rio Grande/RS, e a análise dos dados resultantes das proposições efetuadas junto aos discentes. Durante as aulas, pinturas brasileiras do século XIX e imagens presentes na mídia impressa contemporânea foram dispositivos catalisadores para a produção artística concernente à escrita poética. O trabalho desenvolvido objetivou a abordagem de questões relativas às construções sociais que envolvem o gênero feminino e a subjetividade a partir das considerações propostas por Mary Del Priore e Marie-Christine Josso. Ademais, a atuação no espaço escolar assentou-se na aspiração de contribuir para que o ambiente educacional se tornasse, cada vez mais, um local de diálogo e de tolerância às subjetividades.

Palavras-chave: Ensino; arte; gênero.

THE INVENTION OF NARRATIVES AS A PEDAGOGICAL PROPOSAL: A POETRY ON THE FEMININE

Abstract: The present article includes the description of a pedagogical action carried out at the institution Marechal Mascarenhas de Moraes State High School, located in the city of Rio Grande / RS, and the analysis of the data resulting from the propositions made with the students. During the lessons, nineteenth-century Brazilian paintings and images present in the contemporary print media were catalytic devices for artistic production concerning poetic writing. The work developed aimed at addressing issues related to social constructions involving the feminine gender and subjectivity from the considerations proposed by Mary Del Priore and Marie-Christine Josso. In addition, acting in the school space was based on the aspiration of contributing to the educational environment becoming, increasingly, a place of dialogue and tolerance to subjectivities.

Keywords: Teaching; art; gender.

INTRODUÇÃO

De que forma o ensino de arte em instituições formais de educação pode contribuir para o fomento de reflexões críticas acerca dos padrões sociais que tangenciam o gênero feminino? Como possibilitar a percepção de que a construção de subjetividades está intimamente relacionada a valores históricos, sociais e culturais? E, ainda, de que maneira abordar esta temática em consonância com o estímulo à fruição artística, mediante a articulação entre percepção, sensibilidade, criatividade e imaginação?

Tais indagações nortearam a elaboração de uma ação pedagógica, efetuada na Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Mascarenhas de Moraes, localizada no

¹ Mestranda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas, UFPel. Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande, FURG.

² Doutora em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Professora adjunta no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande, FURG.

município de Rio Grande/RS, no ano de 2017. Nesta instituição, dispusemos da oportunidade de atuar junto a um grupo de estudantes que compreendia trinta e quatro estudantes que se encontravam na faixa etária média de quinze anos, e que se dividiam em quantia análoga no que tangia à identificação de gênero.

A ação teve como propósito não só abordar questões relacionadas aos estereótipos que envolvem o gênero feminino, desde o século XIX até a contemporaneidade, bem como fomentar a produção de narrativas escritas e visuais a partir da representação de mulheres. Para isso, foram utilizadas referências teóricas pertinentes à história das mulheres no Ocidente, bem como à produção de narrativas como prática pedagógica; algumas delas: *Histórias e Conversas de Mulher*, da historiadora Mary Del Priore, e *Histórias de Vida e Formação*, de Marie-Christine Josso, respectivamente.

Nesse sentido, acreditamos que o trabalho desenvolvido junto aos discentes justifica-se por seu caráter transformador, na medida em que possibilita reflexões acerca dos estereótipos de gênero relacionados, especificamente, ao feminino. Dessa forma, admitimos como principal motivação para nossa atuação no ambiente escolar o desejo de que a instituição de ensino formal viesse a se tornar um espaço de fomento à desconstrução de arquétipos sociais relativos aos papéis desempenhados pelo gênero, estimulando, dessa forma, a tolerância concernente às múltiplas subjetividades.

Neste artigo, explanaremos as metodologias adotadas no decorrer da ação pedagógica em questão, que se constituem por momentos teóricos, dialógicos e práticos. Além disso, também serão analisados os dados resultantes das atividades propostas, os quais compreendem algumas das produções textuais e visuais dos educandos.

A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA: da pintura oitocentista à cultura visual

Nos primeiros encontros com o grupo, propôs-se a realização de um estudo acerca da representação da mulher, alicerçado em obras artísticas, em textos literários e em anúncios midiáticos. Assim, o principal propósito dessa etapa da ação, o qual combinou momentos expositivos e dialógicos, compreendeu a possibilidade do reconhecimento de semelhanças e distanciamentos na produção de imagens e escritos referentes a figuras femininas, produzidos desde a segunda metade do século XIX.

Primeiramente, apresentaram-se aos discentes campanhas publicitárias,

difundidas pelos meios de comunicação na contemporaneidade, associadas a produtos de limpeza e a utensílios para o lar. A mostra de anúncios iniciou-se com uma publicação da marca *Mr. Músculo* (figura 12) em uma rede social de grande alcance e foi sugerida uma breve discussão acerca dos elementos verbais e não verbais da propaganda.

FIGURA 1 – Propaganda Mr. Músculo, 2015.



Fonte: <http://goo.gl/XYhRT1>. Acesso em: 16/10/2017.

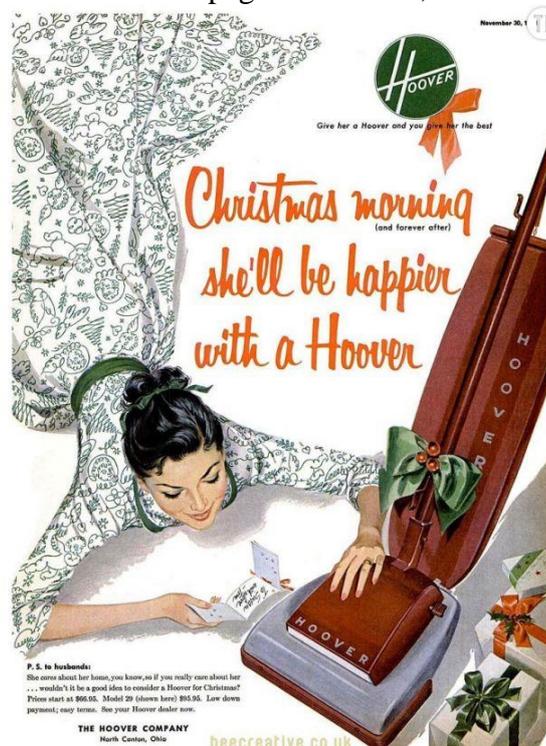
Diante da imagem apresentada, os estudantes foram instigados a refletir sobre o jogo de palavras utilizado pelo anunciante, tendo em vista que este se refere aos projetos profissionais de uma mulher como algo de menor importância em relação aos cuidados domésticos.

De fato, uma parcela significativa de propagandas relacionadas a artigos de uso doméstico ainda expõe a figura feminina como principal responsável pela limpeza e organização do espaço privado. Desse modo, pode-se depreender que a cultura visual, mesmo que de maneira implícita, continua a reproduzir os discursos da publicidade novecentista, uma vez que esta também utilizava estratégias de manipulação do gênero feminino, a fim de reafirmar o compromisso deste com o lar.

Abaixo, um anúncio de uma enceradeira da marca *Hoover* (figura 13) abordado e

analisado em sala de aula.

FIGURA 2 – Propaganda Hoover, circa 1950.



Fonte: <http://goo.gl/RC9McQ>. Acesso em: 16/10/2017.

Ao observar e comparar os anúncios apontados, muitos educandos demonstraram perplexidade e teceram comentários de indignação acerca da persistente difusão de discursos midiáticos transpassados por pareceres machistas. Além disso, também foram discutidos os textos e as imagens presentes nesses anúncios, os quais infantilizam a figura da mulher, seja por meio de palavras no diminutivo direcionadas a elas, seja pela situação em que são retratadas.

Decorrido o breve debate em torno das propagandas produzidas e disseminadas a partir dos anos 1900, foram exibidas imagens pictóricas, visto que estas consistiam no principal recurso de retratação no século XIX.

Para começar, foi apresentada a obra *Cena de Família de Adolfo Augusto Pinto* (figura 14), de autoria do artista brasileiro José Ferraz de Almeida Júnior, datada do ano de 1891 e solicitada a realização de uma breve análise da cena representada pela turma.

FIGURA 3 – José Ferraz de Almeida Júnior. Cena de Família de Adolfo Augusto

Pinto, 1891, óleo sobre tela. – Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil.



Fonte: <http://goo.gl/SEbq17>. Acesso em: 16/10/2017.

A fim de direcionar o debate, foi efetuada uma sucinta contextualização histórica da obra. Destacamos que esta fora produzida por encomenda do engenheiro Adolfo Augusto Pinto (1856-1930), figura importante no processo de desenvolvimento da cidade de São Paulo/SP.

Foi solicitado aos discentes que atentassem aos elementos que compõem a cena em questão e os convidamos a efetuar uma análise da imagem por meio de indagações simples, tais como: “O que a cena retrata?”, “À que classe social a família parece pertencer?”, “Que objetos denunciam o suposto pertencimento do conjunto familiar a essa classe?” e “De que maneira os personagens aparentam relacionar-se entre si?”.

A partir das perguntas mencionadas, ocorreu uma série de respostas, dentre elas: “É o retrato de uma família.”, “Eles deviam ser ricos, porque a sala é grande e cheia de coisas.”, “O pai parece não ligar para a mulher e para as crianças.”, “A mãe e os filhos estão juntos, enquanto o pai está isolado lendo jornal.”.

No decorrer deste processo de análise, os estudantes ponderaram acerca da posição assumida pela figura feminina presente na obra. Sem pestanejar, muitos sublinharam a classificação de gênero que tangia às práticas cotidianas de mulheres e

homens oitocentistas, salientando que a esposa fora representada efetuando costuras e transmitindo ensinamentos relacionados a esta tarefa manual à primeira filha do casal, enquanto o esposo, o provedor da família, efetuava atividades intelectuais.

Ademais, as leituras de imagens, realizadas junto aos discentes nos dois primeiros encontros, foram acompanhadas de breves textos jornalísticos, como o anúncio *A Mãe de Família* (1851), veiculado ao Jornal *A Marmota na Corte*, o qual compreendia a descrição do modelo de mulher ideal para o matrimônio. Além disso, também foram abordadas obras literárias, tais como o poema *Família* (1969), escrito pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, que tem como anáfora a frase “A mulher que trata de tudo/e a felicidade”, em referência ao cuidado despendido pelas mulheres ao espaço privado.

A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS FICCIONAIS A PARTIR DA ANÁLISE DE IMAGENS

Com base nos conceitos abordados e debatidos, foi apresentada como proposta, para o terceiro encontro, a realização de uma atividade prática - consistia na construção de narrativas fictícias a partir da observação de reproduções de pinturas do século XIX. A tarefa em questão teve como propósito oportunizar a exploração da sensibilidade perceptiva e do pensamento criativo dos estudantes, bem como possibilitar aos mesmos um exercício poético a partir de conceitos abordados em sala de aula.

Para a realização da atividade, os discentes foram interpelados a organizarem-se em duplas e foi distribuída a reprodução de uma pintura datada do período oitocentista a cada uma delas. Diante das imagens, os alunos atribuíram nomes às figuras presentes nas cenas, divagaram sobre a causa destas assumirem determinadas feições, estabeleceram laços e relações entre elas e, aos poucos, construíram seus escritos.

Os pares discorreram sobre questões que envolviam o gênero feminino no período oitocentista. Contudo, dois estudantes versaram sobre uma temática que não havia sido discutida, mas que lhes ocorrera enquanto observavam a obra *Leitura* (figura16), realizada por Almeida Júnior.

FIGURA 4 – José Ferraz de Almeida Júnior. Leitura, 1892, óleo sobre tela.
– Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil.



Fonte: <http://goo.gl/Wm5Hb7>. Acesso: 17/10/2017.

Pertencente à elite paulista, o autor da pintura dispunha de prestígio por ser referência no cenário artístico republicano. Desde sua elaboração, a obra em questão já tinha como destino a Pinacoteca – galeria de arte do estado de São Paulo –, local que recebia um público majoritariamente masculino.

Em um período histórico marcado pelo desenvolvimento industrial da cidade, a qual se tornaria a maior metrópole do país, Almeida Júnior retratou uma figura feminina que acompanhava seu tempo e aderiu a uma prática, convencionalmente, negada às mulheres. Prática esta que emprestou seu nome ao quadro.

De acordo com a dupla de discentes, a realização de leituras por mulheres dos anos 1800 poderia engendrar a gradativa independência destas e, assim, levá-las a questionar normas sociais vigentes. Então, eles redigiram o seguinte texto (figura 17):

FIGURA 5 – Narrativa produzida por estudantes da instituição Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Mascarenhas de Moraes, 2017.

Havia um conde que levanta as
 moças saltadeiras para a sacada
 da casa dele para conhecê-las e
 descobrir se eram dignas para casar.
 Diferente de muitas, Joana, já
 tinha conhecimento da liberdade da
 mulher desde os tempos de seu
 pai, quando o conde tentou dar
 critérios a ela, ela o deserdou e
 tomou ele.
 Joana, sabendo os critérios para se
 casar e a liberdade que poderia ter
 preferiu ficar saltadeira mesmo
 aprendendo preconceito, mas era fe-
 liz.

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

De fato, havia um receio por parte dos pais e, posteriormente, dos esposos quanto ao hábito de leitura de algumas mulheres. Contudo, dentre os tipos literários direcionados ao gênero feminino, o mais temido era o Romance. Acreditava-se que este poderia incitar frívolas fantasias nas mentes juvenis, e, assim, contribuir para a entrega das moças a paixões tão arrebatadoras quanto inconsequentes.

A situação imaginada e descrita pelos alunos sintetiza alguns estudos da historiadora brasileira Mary Del Priore. A autora, em seu livro *Histórias e Conversas de Mulher*, cita Ana Ribeiro de Góis Bettencourt que, em 1885, comenta sobre as más influências que poderiam acerrar as moças, dentre elas:

O mau teatro; os maus romances; as más leituras – sobretudo os com 'certas cenas um pouco desnudadas' e 'certos perfis de mulheres altivas e caprichosas [...] que podem seduzir a uma jovem inexperiente, levando-a a querer imitar tipos inconvenientes na vida real'. (2014, p. 54) citação

Pode-se destacar que a prática da leitura poderia ser tomada como possível causa de devaneios femininos, os quais levariam mulheres oitocentistas a se portar de maneira infrequente em relação ao contexto em que viviam. Logo, as adeptas da literatura eram

acusadas, constantemente, de desequilibradas e históricas.

Ao receber os textos produzidos pelos estudantes, notamos que muitos descreveram situações comuns, que envolviam mulheres oitocentistas, como: a prática de casamentos precoces e indesejáveis e o compulsório exercício da maternidade. Além disso, alguns sublinharam questões pertinentes à realidade feminina, as quais eram abafadas, visto que poderiam ser tomadas como verdadeiras ameaças à suposta ordem social.

A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS VISUAIS POR MEIO DA PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA

No encontro posterior, propôs-se que os alunos se colocassem próximos ao colega com quem haviam construído a narrativa, organizando-se, novamente, em duplas. Contudo, alguns discentes não despuseram de pares, pois haviam se ausentado nos encontros anteriores; então, foram direcionados às duplas já formadas, assim, constituíram trios e grupos.

Para a realização da prática, foram distribuídas as narrativas produzidas em momento anterior, de modo que nenhum estudante poderia apanhar o texto que escrevera. Em seguida, foi solicitado que cada grupo efetuasse a leitura da história recebida e produzisse, em horário extraclasse, uma fotografia que representasse a situação descrita.

Vale ressaltar que o exercício não tinha como finalidade a reprodução visual exata da história redigida pelos colegas, isto é, os grupos poderiam desfrutar de liberdade para fotografar apenas um trecho do texto recebido ou, até mesmo, projetar um possível desfecho para a história lida e registrá-lo. Dessa forma, a tarefa encerrava um exercício de interpretação, ressignificação e criatividade, o qual objetivava o estímulo à produção visual e à possibilidade de fruição de uma experiência artística.

O encontro seguinte, então, foi marcado pela apresentação das imagens produzidas pelas duplas, as quais haviam se inspirado em narrativas escritas por colegas. Enquanto expunha a fotografia produzida, cada equipe discorria oralmente sobre o seu processo de criação e fazia considerações a respeito do resultado alcançado. Além disso, ao fim da fala de cada grupo de estudantes, bem como da exposição de suas produções, era exibida a pintura que desencadeou todo o processo.

O grupo formado pelas estudantes Larissa, Jéssica e Dalize produziram a seguinte imagem (figura 18):

FIGURA 6 – Fotografia produzida por estudantes da instituição Escola Estadual

de Ensino Médio Marechal Mascarenhas de Moraes, 2017.



Fonte: Acervo das pesquisadoras.

A começar pelo cuidado despendido à composição da cena, o que se nota pelo vestuário e pela maquiagem das discentes, bem como pela dedicação à pós-produção da imagem, a fotografia, de fato, nos remete a tempos longínquos.

Ao versar acerca da produção fotográfica, as alunas destacaram que, a partir da narrativa obtida (figura 19), almejavam representar a insatisfação de muitas moças oitocentistas, quando estas eram impelidas a casarem-se.

FIGURA 7 – Narrativa produzida por estudantes da instituição Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Mascarenhas de Moraes, 2017.

Na imagem, o homem e a mulher estão dançando numa festa de casamento, e o homem gosta muito da mulher mais a mulher não muito. O homem tá querendo beijar a mulher tá virando o rosto. Eles estão se casando-se sem ser amados só porque a família quer ficar mais rica juntando as famílias.

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

A pequena história na qual elas apoiam-se, por sua vez, fora redigida com base na pintura *Dança em Bougival*, de Pierre-Auguste Renoir (figura 20)

FIGURA 8 – Pierre-Auguste Renoir. *Dança em Bougival*, 1883, óleo sobre tela.
– Museu de Belas Artes de Boston, Boston.



Fonte: <http://goo.gl/RE4i8z>. Acesso em: 17/10/2017.

A obra acima, datada de fins do século XIX, integra uma série de representações impressionistas da vida boêmia que permeava a cidade de Paris e seus arredores nessa época. Para a composição da pintura acima, Renoir convidou o casal de amigos Suzanne Valadon e Paul Auguste Lhote, os quais prefiguram dançar em rodopios em meio à multidão.

Diante dessa imagem, não dispondo de nenhuma informação acerca da mesma, os discentes que construíram a narrativa intuíram que se tratava de uma festa de casamento, provavelmente devido à cor clara e à voluptuosidade do vestido da moça. Ao deduzirem que a cena envolvia uma comemoração, passaram a buscar respostas que justificassem o semblante triste da jovem.

Ao analisar a imagem, os estudantes depreenderam que, apesar do chapéu de palha cobrir a face do cavalheiro retratado, este fitava a dama com quem bailava, porém a feição da donzela, emoldurada pelo vistoso capelo vermelho, pareceu-lhes denunciar

certo descontentamento desta com a situação. Logo, esse suposto distanciamento do casal instigou a dupla de alunos a discorrer sobre uma possível causa para a realização de um matrimônio forçoso.

Após todas as etapas da atividade aqui descritas, pode-se depreender que os exercícios em questão, de fato, fomentaram a invenção de narrativas escritas e visuais como experiência poética e possibilitaram o estímulo de certas potencialidades: a percepção, a sensibilidade, a criatividade e a imaginação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: novas imagens, novos olhares e novas narrativas

O encontro posterior à apresentação dos estudantes caracterizou-se pelo início do segundo momento da ação pedagógica. Nele, as produções artísticas realizadas pela turma até então foram comentadas e os estudantes foram questionados acerca dos elementos subjetivos, os quais haviam sido acessados para a efetuação das atividades.

Uma das discentes logo se manifestou e afirmou: “Nossas memórias...”, e imediatamente completou: “Porque quando estamos criando as histórias, precisamos voltar lá no fundo das nossas memórias para trazer algumas coisas.”

Subsequente à fala da estudante, o grupo foi interpelado novamente, mas, agora, sobre os meios que nos possibilitam acessar nossas lembranças. Alguns disseram “-Perfume!”, outros enunciaram “Música!”, mas, em algum momento, todos eles proferiram “Fotografias!”. Subsequente a este momento, passamos a dialogar a respeito de nossas próprias fotografias e, apesar de declararem que produzem imagens diariamente com seus telefones móveis, demonstraram nutrir afeto pelos álbuns de registros familiares guardados em seus lares.

A partir das palavras de carinho dos alunos em relação às suas respectivas fotografias, desenvolveu-se um diálogo sobre a prática de zelar por imagens que simbolizam valores afetivos, bem como o ato de destruí-las como uma tentativa de apagamento de determinadas lembranças. No entanto, vale lembrar as considerações psicanalíticas acerca das operações mnemônicas associadas aos apagamentos, as quais sublinham que, quanto mais parece premente a tentativa de esquecer, mais ocorre a emergência da imagem a ser esquecida, ou seja, qualquer rasura, ao invés de destruir, acaba por sublinhar o objeto a ser obliterado. Dessa forma, é plausível afirmar que as estratégias de ocultamento salientam e expõem a dor provocada pelo apagamento. (NASIO, 2007)

Alguns estudantes mencionaram a prática da queima ou do corte de fotografias e todos os outros pareciam ter conhecimento de tais artifícios. Contudo, quando fora

apontado o abandono e até a venda de imagens, pares de olhos arregalaram-se e algumas frases de espanto foram ditas, tais como “Quem tem coragem de vender uma foto?” e “Eu nunca faria isso na minha vida!”.

Diante dos comentários colocados pelos discentes, foram-lhes apresentadas fotografias, as quais foram descartadas e, mais tarde, encontradas à venda em acervos comerciais na cidade de Pelotas. Seguiu-se, então, uma breve discussão acerca do porquê de aqueles retratos terem sido abandonados por seus donos e sobre quem seriam as pessoas retratadas. Dessa maneira, os estudantes foram convidados a criar narrativas fictícias para estas imagens, visto que as mesmas não dispunham de histórias e memórias acessíveis a nós.

No encontro seguinte, a turma foi dividida em grupos e, a cada um deles, foi entregue um retrato antigo (datado de fins do século XIX ou meados do XX). Mais uma vez, os estudantes mergulharam em um exercício de imaginação e criatividade, que os possibilitou inventar narrativas; além disso, também recorreram aos temas abordados em momentos anteriores, com o intuito de fundamentar seus escritos em estudos teóricos.

Ao fim dessa atividade, cada grupo se juntou a outro, para formarem um conjunto ainda maior. O propósito dessa reunião entre as equipes consistia no cruzamento das histórias de ambas e na construção de uma terceira grande narrativa, ou seja, os estudantes deveriam estabelecer relações entre as fotografias que tinham em mãos, bem como entre os textos redigidos a priori.

Dentre as narrativas escritas, destaca-se a história protagonizada por três personagens: Irineu, Fausto (pai e filho, respectivamente) e Camila. Os dois primeiros retirados de um texto produzido por três alunos; e a terceira, por sua vez, presente na história elaborada por outros seis estudantes.

No enredo desenvolvido pelos nove discentes, Fausto seduz Camila que cede a seus encantos e acaba por ser abusada sexualmente pelo rapaz. Após o ocorrido, o jovem conquistador abandona a moça e esta, posteriormente, descobre que está grávida. Encontrando-se solteira e com um bebê nos braços, a moça imerge em uma profunda depressão, mas encontra um senhor de nome Irineu, que a ampara e assume seu filho. A grande surpresa da história está no fato de que o homem que se aproximou de Camila é o pai daquele que a fez um mal terrível e, assim, o então padrasto da criança é o verdadeiro avô desta.

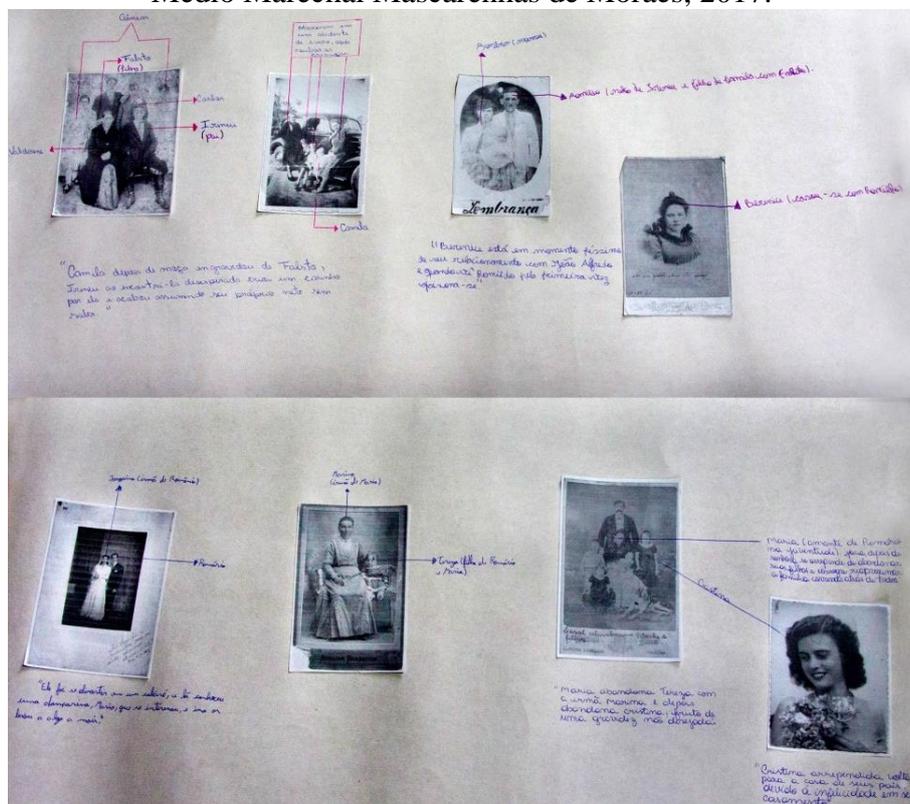
Diante da narrativa em questão, é possível perceber a reafirmação de que o

matrimônio poderia consistir em uma alternativa para jovens mães abandonadas, no decorrer dos anos 1800. A narrativa escrita pelos estudantes traz o pior destino para uma moça desse período, a gravidez indesejada e o desprezo daquele com quem se deitou.

De fato, a prática do ato sexual anterior ao casamento poderia causar constrangimentos à mulher oitocentista, o que se agrava ainda mais quando a concepção ocorria e uma gravidez se sucedia. Situação ainda mais dramática ocorria quando o rapaz esquivava-se da responsabilidade paterna e, além de desamparada pelo companheiro, a mulher sofria o enfeitamento social.

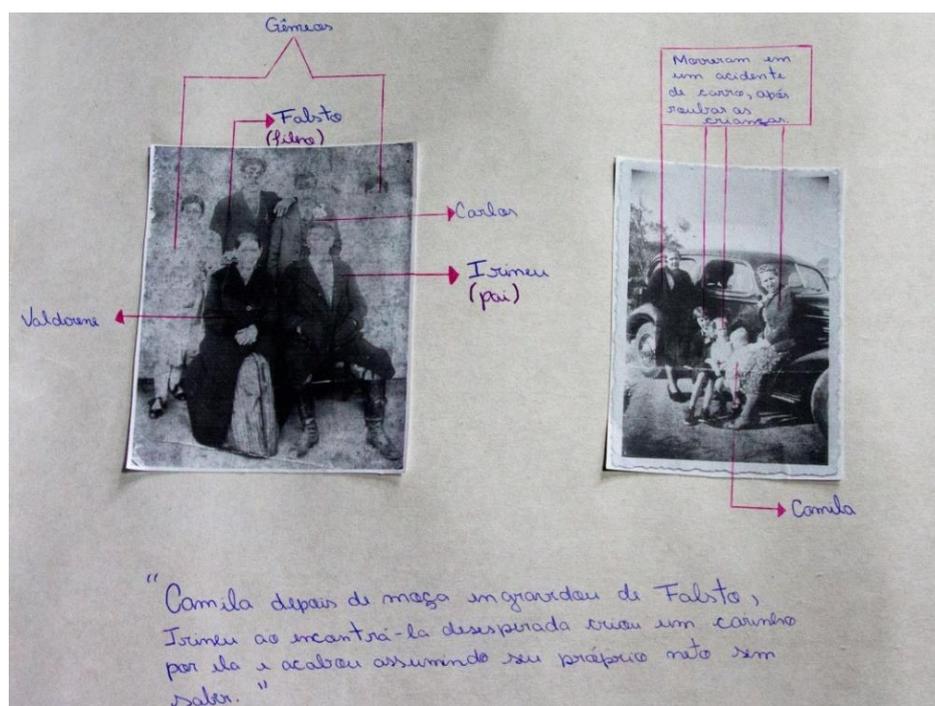
A história citada, bem como todas as que foram redigidas pela turma, evoca relações de afeto e desafeto entre os personagens – as quais se multiplicaram e foram traduzidas visualmente na última tarefa solicitada. Desta vez, todos os grupos deveriam se juntar e elaborar um amálgama das narrativas produzidas, bem como construir um painel de imagens e textos que seria exposto no espaço escolar (figuras 21 e 22).

FIGURA 9 – Painel produzido por estudantes da instituição Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Mascarenhas de Moraes, 2017.



Fonte: Acervo das pesquisadoras.

FIGURA 10 – Detalhe do painel produzido por estudantes da instituição Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Mascarenhas de Moraes, 2017.



Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Diante dos dados obtidos pelas práticas de ensino, depreendemos que a construção de narrativas engendradas, no decorrer da ação pedagógica, mobilizaram competências verbais e intelectuais dos estudantes.

De acordo com Josso:

Certas aprendizagens podem pôr em questão a coerência das valorizações orientadoras de uma vida, revolucionando assim referenciais socioculturais e determinando uma transformação profunda da subjetividade, das atividades e das identidades de uma pessoa (2004, p. 56).

Portanto, acreditamos que a relevância dessa proposta pedagógica encontre-se na possibilidade de reflexão de valores históricos, sociais e culturais, por meio de uma experiência poética a qual abarcou a criação a partir de conhecimentos teóricos e empíricos.

Ademais, cremos que a prática da construção de narrativas que permeou grande parte dos encontros possibilitou o autoconhecimento, ainda que tênue, daqueles que participaram dos processos descritos, e, aqui, nos incluímos. Segundo Josso, “os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida” (2004, p. 43). Desse modo, pressupomos que os

encontros com os estudantes tenham evocado o que de mais humano há em nós.

Ademais, salientamos que as narrativas escritas e visuais oriundas das práticas de ensino não se caracterizam como um fim em si mesmo. Desse modo, as histórias produzidas pelos estudantes, os quais se utilizaram de diferentes suportes, podem ser tomadas pelo leitor como dispositivos potencializadores de múltiplas interpretações e de muitas outras construções imaginárias.

REFERÊNCIAS

DEL PRIORE, M. **Histórias e conversas de mulher**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortes, 2004.

NASIO, J.D. **A dor de amar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.